
ÍNDICE

NAS MARGENS DA RIBEIRA DE CHELEIROS: O ARTIFICIALISMO PONDERADO

- | | |
|---|----|
| 1. Limites de uma arqueologia da paisagem | 15 |
| 2. A operacionalidade da definição de uma área de estudos | 16 |

ARTEFACTOS E CONTEXTOS

- | | |
|--|----|
| 1. Condicionamentos da amostra | 21 |
| 2. A análise territorial | 22 |
| 3. Critérios adoptados no estudo artefactual | 24 |

O ESPAÇO DA BACIA HIDROGRÁFICA DA RIBEIRA DE CHELEIROS

- | | |
|--|----|
| 1. Portugal Litoral Médio, Baixa Estremadura, Península de Lisboa:
os contornos físicos e culturais | 31 |
| 2. Do espaço da península de Lisboa ao espaço da área da Ribeira
de Cheleiros: algumas justificações e muitas interrogações | 33 |
| 3. Caracterização da área | 34 |
| 3.1 Entre o Sizandro e Sintra/Cascais: terra de ninguém? | |
| 3.2 As paisagens do Rio Lisandro/Ribeira de Cheleiros | |
| 3.2.1 A bacia hidrográfica | |
| 3.2.2 A configuração do relevo e a geologia | |
| 4. O espaço actual e os antigos espaços: as leituras possíveis | 38 |

UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA NA ÁREA EM ESTUDO

- | | |
|--|----|
| 1. Os povoados fortificados calcolíticos | 45 |
| 2. Os povoados abertos | 49 |
| 3. Megalitismo funerário e não funerário | 50 |
| 4. A questão campaniforme | 51 |

MODALIDADES DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

- | | |
|--|----|
| 1. Implantação e situação dos povoados | 54 |
| 1.1 Formas do relevo e geologia | |
| 1.2 Áreas de visibilidade/invisibilidade | |
| 1.3 Acessibilidade e transitabilidade | |

1.4 A morfologia da área ocupada	
1.4.1 Os campos de lapiás: povoados abertos?	
1.4.2 As estruturas defensivas	
2. Usar os espaços	65
2.1 Hidrografia: o mar e os rios	
2.2 Solos: produtividade agrícola e aptidão pastoril	
2.3 Recursos animais	
2.3.1 A pastorícia	
2.3.2 Recolecção: caça, pesca e a reolecção de moluscos	
3. A evidência das trocas	73
3.1 Rochas duras	
3.2 Sílex	
3.3 Cobre	
3.4 Matérias de excepção	
4. Para uma visão de conjunto: a inter-relação dos sítios de habitat	84
4.1 Dispersão e agrupamento: a malha do povoamento	
4.2 Relações de territorialidade entre os povoados	
5. O litoral (fluvial e oceânico) como pólo de povoamento?	90

CULTURA MATERIAL

1. Os recipientes cerâmicos	100
1.1 As formas e as pastas	102
1.1.1 Formas abertas	
1.1.2 Formas fechadas	
1.1.3 Formas carenadas	
1.1.4 Copos	
1.2 Decoração	106
1.2.1 Decoração denteada	
1.2.2 Decoração plástica	
1.2.3 Perfurações (funcionais e decorativas)	
1.2.4 Decoração não plástica	
1.2.4.1 Cerâmica canelada fina	
1.2.4.2 Cerâmica impressa e canelada	
1.2.4.3 Pontilhado	
1.2.5 Campaniforme	
1.2.5.1 Pontilhado marítimo	
1.2.5.2 Pontilhado geométrico	
1.2.5.3 Campaniforme inciso	
2. Outros artefactos cerâmicos	120
2.1 Pesos de tear	
2.2 Queijeiras	
3. Pedra polida	121
4. Pedra lascada	123
4.1 Lâminas	
4.2 Lamelas	
4.3 Pontas de seta	
4.4 Furadores sobre lâmina	

4.5 Denticulados/elementos de foice	
4.6 Lascas	
5. Pedra afeiçãoada	128
5.1 Percutores	
5.2 Moventes e dormentes	
6. Metalurgia	129
7. Utensílios de osso	129
8. Sagrado	130
9. Artefactos de adorno	131

SÍTIOS DE HABITAT E ESPAÇOS DO SAGRADO

o. Observações prévias	133
1. O megalitismo na área de Cheleiros	135
2. As grutas naturais	137
3. Antas	139
4. Grutas artificiais	140
5. <i>Tholoi</i>	145
6. Menires e recintos megalíticos	147
7. A “impossível” correlação entre povoados e necrópoles	150

OS TEMPOS DO ESPAÇO DE CHELEIROS

1. Cronologias do Neolítico final e Calcolítico:	
a Península de Lisboa e as outras áreas	154
1.1 O carácter absoluto das datas	
1.2 Outros indicadores	
1.3 A construção das sequências	
2. Os “tempos” de Cheleiros	159
2.1 As datas e as estratigrafias	
2.1.1 Penedo do Lexim	
2.1.2 Olelas	
2.2 Etapas das comunidades neolíticas e calcolíticas da Ribeira de Cheleiros: uma primeira leitura	

FIM	170
------------	-----

BIBLIOGRAFIA	180
---------------------	-----

ANEXOS

Anexos 1. Fichas de sítio	198
Anexos 2. Cartografia	227
Anexos 3. Estampas	234
Anexos 4. Fotografias	261